

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009

Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

CADERNOS ESCOLARES: UMA PROPOSTA DE COMPREENSÃO DESSES MATERIAIS A PARTIR DA PSICOLOGIA ESCOLAR CRÍTICA

Anabela Almeida Costa e Santos

Universidade Federal de Uberlândia

anabela@ipsi.ufu.br

Introdução

O presente texto tem como objetivo apresentar uma proposta de utilização clínica das produções escolares, em especial os cadernos de alunos do ensino fundamental, para o diagnóstico e intervenção em queixas escolares, sob uma perspectiva crítica. Tal proposta é fruto da realização de estudos etnográficos em salas de aula da primeira etapa do ensino fundamental de escolas públicas do interior paulista.

Os cadernos escolares são objetos indissociáveis da idéia de estudo e educação. São suportes de escrita que assumem grande importância como mediadores materiais de processos cognitivos e afetivos que se dão na escola. Da pré-escola à pós-graduação, é possível encontrá-los. O uso é tão corrente que a sua utilização não chega sequer a ser discutida ou questionada; desse modo, o caderno é um objeto que passou a ser visto como natural no contexto escolar (Gvirtz, 1999). Como descreve Dancel (2000), os cadernos estão tão presentes que acabam por se tornar invisíveis na escola. Fala-se deles sem que se pense neles (Chartier, 1999). Pais de alunos não estranham ou se opõem ao fato de ter que adquirir cadernos no início do ano letivo; professores não se reúnem para decidir se utilizarão ou não cadernos em seu trabalho com os alunos.

O interesse pelo estudo dos cadernos escolares surgiu em atendimentos psicológicos a crianças com queixas escolares. Nesse enquadre, era possível identificar que os cadernos eram instrumentos interessantes para conhecer aspectos da vida escolar e podiam ser mediadores para o estabelecimento de diálogos com a criança e com a família. No entanto, na Psicologia, eram escassos os conhecimentos sobre as produções escolares. Era necessário constituir referenciais psicológicos para a compreensão desses

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



materiais e, assim, foi desenvolvido um estudo em busca de conhecer como tomavam forma esses documentos.

A dificuldade em encontrar caminhos para compreender e retirar informações a partir dos materiais escolares é bastante compreensível. De modo geral, os cursos voltados para a formação de profissionais que atuam no atendimento à queixa escolar não apresentam estas produções como recursos para o diagnóstico e a intervenção.

Se realizarmos uma busca bibliográfica, identificaremos a dificuldade de encontrar trabalhos que abordem o assunto. Alguns dos poucos trabalhos que o fazem também não auxiliam a compor uma abordagem crítica de atendimento, dado que propõem que os cadernos sejam utilizados para a identificação de ‘distúrbios de aprendizagem’ e de características afetivas e de personalidade dos alunos.

Costa (1983, 1993), por exemplo, adota o referencial teórico-metodológico da neuropsicologia e apresenta um trabalho especialmente dedicado ao estudo da escrita no qual propõe que os cadernos escolares sejam um instrumental para a realização de diagnósticos. Costa (1993) defende a vantagem da utilização dos cadernos, em comparação com o uso de testes, para a realização de uma avaliação neuropsicológica, apresentando três argumentos: os cadernos possibilitam o acompanhamento de um maior período de tempo, desta forma revelam manifestações que deixariam de aparecer nos testes; são materiais que têm uma linha de continuidade que possibilitaria identificar se algum ‘desvio’ seria ocasional ou definitivo e, além disso, “a produção do caderno é natural e espontânea, excluindo assim, as possibilidades de vieses da situação de testes.” (p. 4) A autora afirma que os cadernos podem ser uma importante ferramenta diagnóstica para a identificação de disgrafias, dislexias, afasias e discalculias, por serem “um dos registros de como o cérebro funciona.” (p. 190)

Outro modo utilizado por psicólogos para atribuir significados aos cadernos e demais produções escolares, considera que “o caderno representa um importantíssimo elemento de projeção dos estados afetivo-emocionais da criança” (Costa, 1983), ou que possa ser uma forma de conhecimento da personalidade do aluno. A partir desta abordagem, tanto a apresentação dos materiais escolares, quanto o seu conteúdo passam

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



a ser utilizados como base para inferências relativas ao funcionamento psíquico da criança. Por exemplo, Antunha (1972) propõe a seguinte análise: “é muito freqüente que se encontre cadernos todos rasgados, puídos, riscados, sem capa, com orelhas, cheios de desenhos perseverativos, tudo revelando desligamento, desprezo, violência ou agressão simbólica.” (p. 157)

Identifica-se que as propostas mais difundidas de análise dos materiais produzidos na escola compreendem-nos numa mesma chave utilizada para a interpretação dos testes psicológicos¹. Desta forma, consideram-nos reveladores de aspectos mais ligados à inteligência e ao funcionamento neuropsicológico, ou às questões afetivo-emocionais ou de personalidade. São compreendidos de modo descontextualizado, que desconsidera o conjunto de relações e regras em meio às quais tomam forma as produções escolares, sendo considerados como produções individuais, naturais e espontâneas que teriam o poder de espelhar características dos alunos.

Diferentemente disso, os estudos realizados em contextos escolares (Santos, 2002 e 2008) indicam que o psicólogo disposto a utilizar os cadernos e demais registros escolares, como ferramenta de trabalho deve considerá-los um conjunto de indícios. Informações que devem ser investigadas cuidadosamente junto aos alunos, famílias e professores, buscando identificar em que condições institucionais, relacionais e situacionais foram produzidos tais documentos.

Método

Para conhecer a respeito dos cadernos escolares, fez-se necessário adotar uma abordagem teórico-metodológica que implicasse uma inserção bastante intensa no contexto pesquisado. A perspectiva etnográfica foi eleita como a opção mais adequada e coerente. Como bem detalha Rockwell (1987), a etnografia caracteriza-se por uma longa convivência do pesquisador com o contexto pesquisado. Cabe ao pesquisador participar dele, observar o cotidiano, conversar com as pessoas a respeito do que vivem,

¹ A crítica à utilização dos testes psicológicos como instrumentos de avaliação vem sendo feita, de modo extenso por diversos autores (Gould, 1999; Patto, 1990 e 2000; Moysés, 2001).

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ou seja, realizar uma observação participante. E, além disso, é necessário manter um cuidadoso registro escrito das informações obtidas.

O trabalho de cunho etnográfico também é caracterizado pela produção de um texto descritivo – chamado por Geertz (1989) de “descrição densa” – que tem como intenção a explicação de uma trama de significações que constitui uma determinada cultura. Geertz (1989) afirma que “a etnografia é descrição densa” (p. 7).

A permanência em campo e a convivência com as pessoas possibilita algo fundamental para, realmente, conhecer uma cultura: estabelecer relações de confiança com os informantes. Bosi (2003) aponta que da qualidade do vínculo depende a qualidade das conversas que podem ser estabelecidas. Os momentos de diálogo com os participantes da pesquisa são momentos privilegiados para checar informações e hipóteses que o pesquisador vai formulando à medida que prossegue o trabalho de campo (Rockwell, 1987; André, 1983).

O estudo a respeito dos cadernos escolares então conduzido (Santos, 2002, 2008) foi dividido em duas etapas. A primeira consistiu no acompanhamento de uma sala de aula de primeira série do ensino fundamental. No segundo momento, as atenções voltaram-se para uma sala de quarta série do ensino fundamental.

O estudo realizado na sala de primeira série foi movido pela curiosidade por conhecer como as crianças aprendiam a usar os cadernos. Assim, buscou-se uma sala de aula na qual as crianças estivessem tendo seus primeiros contatos escolares com esse suporte de escrita. Um espaço interessante para desenvolver o estudo foi encontrado em uma sala de aula de primeira série na cidade de Hortolândia, município no interior de São Paulo que no ano 2000 ainda não tinha estruturado sua rede de educação infantil. Assim, foi acompanhado todo o ano letivo da sala de aula de Ana², uma professora bastante jovem que vivia sua primeira experiência com alfabetização. Com frequência semanal foram realizadas observações das atividades da classe.

A pesquisa desenvolvida na primeira série possibilitou importantes avanços no que se refere ao conhecimento dos bastidores das produções de registros escolares. No

² Ana e os demais nomes citados neste artigo são fictícios.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



entanto, as informações obtidas auxiliavam a compreender especialmente a iniciação dos alunos na utilização dos cadernos. Para compreender como os registros feitos pelos alunos – tais como cadernos e provas – tomavam forma, a partir dos referenciais da psicologia escolar, fazia-se necessário continuar o estudo em um momento mais avançado de escolarização. Assim, alguns anos depois, em 2004, o estudo teve continuidade na mesma escola, numa sala de aula de quarta série de ensino fundamental.

Um dos importantes achados da pesquisa: os bastidores dos cadernos, aquilo que não é passível de registro

Conforme foi apontado anteriormente, os cadernos são materiais que se tornam, ao longo da trajetória escolar, registro de aprendizados, retrocessos, tentativas, erros e acertos. Gvirtz (1999) e Nóvoa (1993) apontam a importância dos cadernos para a realização de pesquisas de caráter histórico, sobre tempos passados, pois neste caso são limitadas as possibilidades de se ter acesso àquilo que efetivamente ocorreu. Julia (2001) defende que as produções escolares são fundamentais para que se tenha acesso à cultura escolar e atribui aos cadernos de notas tomadas pelos alunos o importante papel de reconstituir as práticas escolares que a eles deram origem. Hébrard (2001) descreve os conteúdos dos cadernos como “prova irrefutável do trabalho realizado”. Ou seja, os cadernos escolares são considerados pelos pesquisadores como importantes fontes de informação sobre o contexto de ensino. Também professores e psicólogos clínicos que trabalham com queixas escolares utilizam os cadernos como instrumento psicodiagnóstico, ou seja, como forma de ter acesso àquilo que se passa com o aluno, com seu desenvolvimento e aprendizagem escolares. Estas utilizações dos cadernos conduzem a um importante questionamento: afinal, o que registram e o que não registram os cadernos?

A pesquisa, por ora apresentada, não se propõe a responder tão complexa pergunta. Porém, é possível apresentar algumas informações que tragam algumas luzes para tal questão, em especial no que se refere aos cadernos das séries iniciais. Uma

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



situação protagonizada por Mateus, um dos alunos da sala de aula de primeira série estudada, pode ser útil nesta empreitada. Mateus era um aluno que não primava por cumprir as tarefas propostas, era mal-visto pela professora e considerado pelos colegas como um mau aluno. Em uma das últimas aulas do primeiro semestre, a professora Ana, como de costume, colocou na lousa o cabeçalho e a frase do dia³, da seguinte forma:

HORTOLÂNDIA, 03 DE JULHO DE 2000

SEGUNDA-FEIRA

“SOU MUITO CAPRICHOSO E ATENCIOSO COM MEU
CADERNO E MINHAS LIÇÕES”

Em seguida escreveu as letras do alfabeto, uma abaixo da outra formando duas colunas, com um “DE” à frente de cada uma das letras. Depois de terminada esta etapa, ela começou a conversar com a sala de aula, solicitando nomes de animais que começassem com cada uma das letras. Os animais sugeridos pelos alunos eram anotados na lousa à frente da respectiva letra inicial. Para exemplificar, segue o resultado da atividade para as primeiras letras do alfabeto:

A DE ABELHA, ÁGUIA, AVESTRUZ, ARARA, ARANHA

B DE BEIJA-FLOR, BALEIA, BURRO, BOTO, BÚFALO

C DE CABRA, CAVALO, CACHORRO, CABRITO,
COBRA

D DE DRAGÃO, DINOSSAURO, DROMEDÁRIO

E DE ELEFANTE, ÉGUA, EMA, ESCORPIÃO

Ao final dessa etapa da atividade a lousa estava repleta, para cada letra havia cerca de cinco nomes de animais. Ana solicitou que os alunos copiassem. Até essa altura do ano, não era habitual a cópia de conteúdos tão longos. Mateus iniciou a cópia pelo cabeçalho, depois a frase do dia e, finalmente, a atividade propriamente dita. Ele

³ A frase do dia era um recurso utilizado, quase que diariamente, pela professora no intuito de promover a prática de leitura e escrita e de indicar aos alunos como a escola esperava que eles fossem e procedessem.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



começa copiando, em coluna, as letras do alfabeto, assim como havia feito inicialmente a professora, e depois, ainda em colunas, os D's à frente de cada letra, posteriormente os E's e, em seguida, as primeiras letras dos nomes dos animais. Ou seja, Mateus prosseguiu copiando o conteúdo da lousa em colunas. Inicialmente, fez o trabalho a que se propôs sem grandes problemas e copiando corretamente o conteúdo de cada coluna, porém sem levar em consideração as linhas. Assim, a coluna de E's terminava uma linha abaixo das anteriores, enquanto a coluna com as primeiras letras dos animais começava uma linha antes e terminava duas acima. Porém, à medida que Mateus prosseguia na atividade, essa se tornava crescentemente difícil. Afinal, se a princípio era fácil encontrar colunas para copiar, a partir da terceira ou quarta letra dos nomes de animais era quase impossível estabelecer colunas no conteúdo escrito em linhas na lousa, conforme as convenções da escrita ocidental. Ainda assim, era possível encontrar na lousa "colunas" correspondentes às colunas escritas por Mateus em seu caderno. Contudo, a tarefa a que se propôs Mateus ficava a cada coluna mais difícil, até que ficou impossível de ser realizada. Por fim, diante da dificuldade de encontrar uma forma de copiar, Mateus desistiu da tarefa. O registro em seu caderno, incompreensível e repleto de borrões, consistia numa série de letras espalhadas a partir das quais sequer era possível deduzir uma palavra.

A lógica utilizada por Mateus, que de modo algum pode ser considerada absurda, dificilmente poderia ser abstraída observando-se o registro elaborado por ele. Facilmente é possível supor que o aluno tenha feito a atividade com desleixo, descuido e desinteresse. No entanto, foi com muito esforço que ele fez a mal-sucedida tentativa de copiar o que havia sido solicitado.

Assim como há trabalhos elaborados com empenho e dedicação que ficam registrados sob a forma de atividades incompletas ou incorretas, há cópias feitas sem interesse, ou de modo mecânico, que não implicam em conhecimento sobre o conteúdo copiado e que se revelam nos cadernos como registros feitos com correção e perfeição estética.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



Uma proposta de olhar

As potencialidades e limites dos cadernos enquanto instrumentos de registro de aspectos do contexto escolar e das relações de ensino-aprendizagem se apresentam como um desafio ao psicólogo disposto a compreender tais documentos.

Caminhando no sentido de encontrar maneiras cada vez mais adequadas de compreender os materiais produzidos na escola, em especial os cadernos, apresento algumas sugestões. Não há a intenção de apresentar um protocolo de análise, mas algumas indicações que buscam adotar um referencial crítico diferenciado daqueles que correntemente têm sido adotados.

O caderno escolar pode ser um útil instrumento para o diagnóstico e a intervenção em questões escolares. Porém, *em vez de ser um material repleto de respostas sobre a criança e a sua situação escolar, pode funcionar como um importante desencadeador de perguntas.*

Considerando que os cadernos pertencem à criança, é importante que seja com a sua concordância que o psicólogo tenha acesso a esse material. Muitas vezes a criança não se sente à vontade em expô-los, especialmente quando as produções escolares representam para o aluno o não-saber e fracasso na escola. Neste caso, pode ser interessante buscar outras formas de aproximação. Conforme aponta Moysés (2001), uma mesma característica, habilidade ou capacidade pode ser expressa de modos diversos em diferentes situações. Uma criança pode, por exemplo, saber escrever, ter conhecimentos matemáticos, capacidade de organização, coordenação motora, independentemente de expressar isso ou não nos cadernos. Assim como conhecimentos ainda não adquiridos podem fazer parte, de modo impecável, do conteúdo destes materiais. Há casos de alunos copistas, que se encontram num estágio muito inicial de alfabetização, mas que apresentam cadernos completos, bem apresentados e com atividades realizadas com perfeição (Temple, 2007). Certamente há modos de organização das atividades em sala de aula que facilitam isso, enquanto outros inviabilizam. Desta forma, *convém sempre verificar como aquilo que o caderno nos faz*

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



supor, a partir de um olhar clínico, se manifesta em outros contextos e em outras situações, considerando tanto o processo de escolarização quanto outros espaços culturais e sociais.

Sadalla, Bariani e Rocha (1999), ao dar indicações para a análise de material escrito, enfatizam pertinentemente a importância de que a criança seja ouvida e possa comentar o seu próprio material e produções. Desta forma, é possível: compreender o que seleciona de seu trabalho como sendo bom ou ruim; quais são os critérios que julga serem os mais importantes ao trabalhar com os cadernos – estética, qualidade da letra, realizar corretamente as atividades, receber menções de aprovação da professora, dentre outras; obter informações sobre as situações em que determinadas atividades foram realizadas; ouvir comentários sobre aspectos diversos dos cadernos. É possível, ainda, que o diálogo com base nos materiais escolares traga elementos sobre sua relação com a escola, colegas, professor, família. Ou seja, *o caderno pode ser um importante mediador nas conversas com a criança, possibilitando o acesso a informações referentes, direta ou indiretamente, à sua escolarização.*

Algo bastante interessante oferecido pelos cadernos é a existência de produções realizadas ao longo de um determinado tempo. Tal característica permite observar oscilações de desempenho, progressos, retrocessos ou estagnações⁴. Mais do que constatar esses processos, seria interessante investigar em que situações acontecem. Como a criança se sai em diferentes tipos de atividades (cópias, produções mais livres, diferentes disciplinas etc.). Houve mudança de procedimento do professor?

Conteúdo dos cadernos

É importante investigar em que condições foram elaboradas as diferentes atividades que são apresentadas. Um dos aspectos importantes é *diferenciar aquilo que foi realizado por meio de cópias e o que foi uma produção mais autônoma do aluno.* Há

⁴ Em diversas culturas, como pude observar mais diretamente em materiais brasileiros, franceses e portugueses, os cadernos utilizados no princípio do ano, em geral, revelam atividades realizadas com maior esmero, o que resulta em trabalhos mais organizados e com uma apresentação estética mais cuidada. Esse fenômeno também é frequente com cadernos enquanto novos.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



formas de organização da atividade didática que possibilitam que o aluno copie quase a totalidade dos conteúdos e das resoluções de exercícios de uma disciplina.

As atividades produzidas de modo mais autônomo podem trazer informações sobre aquilo que o aluno domina. As cópias também podem trazer elementos interessantes, sobretudo nos erros que revelam. Por exemplo, quando uma criança copia a palavra 'acidente' como 'assidente', ou seja, cometendo um erro ortográfico, é possível supor que ela já tenha feito importantes aquisições neste campo de conhecimento. Afinal, em vez de efetuar apenas a operação de reproduzir letras apresentadas na lousa, realiza uma operação que envolve os sons da palavra copiada.

O conteúdo dos bilhetes encontrados nas páginas dos cadernos também pode ser revelador, podendo dar indícios a respeito das exigências que vigoram em sala de aula, sobre a relação entre o professor e o aluno, bem como sobre as estratégias que vêm sendo adotadas pelo professor em sala de aula para lidar com as dificuldades.

Ainda que as atividades registradas nos cadernos não possam ser consideradas documentos que revelem fielmente as práticas pedagógicas adotadas e nem os conteúdos abordados em sala de aula, podem dar indícios a respeito de como são organizadas as atividades didáticas em sala de aula. Por meio dos registros, é possível conhecer quais são as estratégias que o professor utiliza para ensinar. Serão as atividades propostas interessantes ou desinteressantes? Variadas ou repetitivas? Adequadas ou não ao nível de conhecimento do aluno? Por exemplo, são recorrentes as queixas escolares de crianças que passam a aula distraídas ou fazendo bagunça. E seus cadernos revelam solicitações de atividades que requerem a interpretação de textos, apesar de ainda se iniciarem no processo de aprendizagem da leitura e escrita.

Conversa com professor

O diálogo com a escola tem se revelado uma das estratégias fundamentais para a compreensão e intervenção em casos que incluem questões escolares. Também neste momento, os cadernos escolares podem intermediar o diálogo, sobretudo com professores.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



É interessante proporcionar que o professor comente as produções de seu aluno. Quais considera boas? Com quais não ficou satisfeito? Por quê? A possibilidade de conversar com o professor a respeito do material pode ser um momento fundamental para compreender em que situações as produções se deram. Para conhecer qual é o seu modo de trabalhar com a sala de aula como um todo e, em especial, com a criança em questão. Para investigar quais são as estratégias que utiliza. Também pode ser um momento interessante para compreender situações que levaram o professor a escrever bilhetes. Como os bilhetes são, em geral, direcionados aos pais, podem possibilitar que sejam tematizadas as concepções que o professor tem a respeito da família da criança e qual é a relação que estabelece com ela.

Verificar materiais de outros alunos da mesma sala de aula pode ajudar a compreender quais são as regras e as exigências vigentes. Pode, ainda, dar elementos para avaliar como está o aluno em questão em relação aos demais alunos de sua classe.

O momento de conversa com o professor pode ser interessante também do ponto de vista da intervenção. O atendimento clínico já pode ter revelado elementos interessantes para discutir e problematizar com o professor. Produções que se diferenciem do que comumente é apresentado pelo aluno em seus cadernos, por exemplo, podem ser interessantes no sentido de produzir reflexões.

Assim, as produções escolares podem ser recursos auxiliares muito úteis na tarefa de obter informações a respeito da criança e de sua situação escolar.

Concluindo

Os cadernos escolares, se compreendidos como produções unicamente da criança por meio de análises que os descontextualizam e desconsideram o conjunto de relações e as questões institucionais em meio às quais são produzidos, podem conduzir a interpretações errôneas.

Retomemos a cena que foi apresentada no início deste capítulo: a criança que chega ao consultório por uma queixa escolar. Não é possível tomar seus cadernos e demais registros realizados na escola e compreendê-los somente a partir daquilo que

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



apresentam em si, mas é preciso realizar uma análise que faça desse material um conjunto de indícios, pistas iniciais que devem ser averiguadas cuidadosamente.

Certamente, não é possível ter acesso a todas as informações de como os cadernos são produzidos na escola. No entanto, essa impossibilidade, em vez de paralisadora, deve ser instigadora na busca de informações que transcendam as aparências imediatas e que nos auxiliem a problematizar aquilo que nos é apresentado sob a forma de registro. Sob esta perspectiva, os cadernos podem constituir úteis recursos de avaliação e intervenção clínicas, possibilitando a aproximação e a investigação das questões escolares.

Referências

ANDRÉ, M.E.D.A. (1983) Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, 45, 66-71.

ANTUNHA, E.G.G. (1972) *Distúrbios de Aprendizagem: aspectos e terapêuticos*. 236 f. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BOSI, E. (2003) *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia*. São Paulo: Ateliê Editorial.

CHARTIER, A.M. (1999) Un dispositif sans auteur: cahiers et classeurs à l'école primaire. *Hermès, Le dispositif : entre usage et concept*, 25, 207-218.

COSTA, E.L.R. (1983) *Referenciais Teóricos para a Análise Neuropsicológica de Cadernos Escolares (uma técnica auxiliar do diagnóstico)*, Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo

COSTA, E.L.R. (1993). *A Análise Neuropsicológica da Escrita em Cadernos Escolares*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DANCEL, B. (2000) Le Cahier d'Élève: approche historique. *Repères*, 22, 121-133.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



GEERTZ, C. (1989) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

GVIRTZ, S. (1999) *El discurso escolar a través de los cuadernos de clase*. Buenos Aires: Eudeba.

HÉBRARD, J. (2001) Por uma bibliografia das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França - séculos XIX e XX). *Revista Brasileira de Educação*, 1, 115-141.

JULIA, D. (2001) A Cultura Escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de Educação*, 1, 9-43.

MOYSÉS, M.A.A. (2001) *A Institucionalização Invisível: crianças que não-aprendem-na-escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras.

NÓVOA, A. (1993) Perspectivas de renovação da história da educação em Portugal. In Nóvoa, A. & Berrio, J., (Ed.). *A história da educação em Espanha e Portugal: investigação e actividades*. (pp. 11-22) Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.

ROCKWELL, E. (1987). *Reflexiones sobre el proceso etnográfico*. Ciudad de México: DIE/CINVESTAV.

SADALLA, A.M.F.;Bariani, I.C.D. & Rocha, M.S.P.M. (1999) Roteiro de Observação e Análise de Material Escrito. *Psicologia Escolar e Educacional*, 3 (2), 171-174.

SANTOS, A.A.C. (2002) *Cadernos Escolares na Primeira Série do Ensino Fundamental: funções e significados*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, A.A.C. (2008) *Cadernos e outros registros da primeira etapa do ensino fundamental: um olhar da psicologia escolar crítica*. Tese de Doutorado em Psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

TEMPLE, G. C. (2007) *Alunos copistas: uma análise do processo de escrita a partir da perspectiva histórico-cultural*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.